

O (DES) ENCONTRO ENTRE GÊNERO E INSTITUIÇÃO DE ENSINO: QUANDO COMEÇA O FIM DA DESIGUALDADE?

Edneusa Lima e Silva, FaSF,

evajom@gmail.com

Marcus Vinícius Barbosa, FaSF,

coordadm@fasfsul.com.br

PALAVRAS-CHAVE: gênero, educação, desigualdade, instituição de ensino, linguagem

1 INTRODUÇÃO

A transmissão das normas de conduta, dos valores sociais e regras acontecem por meio da linguagem, instrumento que nos permite expressar opiniões, ideias e pensamentos com conteúdos ideológicos. Por isso, ao falar, sempre o fazemos através da palavra dos outros: quando imitamos, ao fazer uma citação, quando fazemos uma tradução literal e quando nos posicionamos sobre determinado evento cotidiano ou fato histórico. Portanto, é pela linguagem que o sujeito se insere nas diferentes comunidades e, a escola, transmissora de valores, contribui para a formação de sujeitos, pois é uma instituição que os circunscreve, acompanhando-os nas diferentes fases do desenvolvimento. Historicamente, a escola é um espaço pautado pelas relações de gênero e, portanto, pelas desigualdades entre o masculino e o feminino. Questiona-se se as métricas adotadas refletem a verdadeira discussão sobre a identidade de gênero no ambiente escolar. Por isso, discussões de gêneros são importantes nesse espaço que possui como meta primeira: acolher a diversidade e todas as manifestações produzidas nos encontros entre meninos e meninas/rapazes e moças/homens e mulheres nos diferentes segmentos sociais. Sob essa perspectiva o objetivo deste trabalho é discutir o (des)encontro entre gênero e instituição de ensino, a partir dos discursos ideológicos sobre pertencer ao gênero masculino ou feminino

2 METODOLOGIA

Como metodologia, o trabalho pauta-se por uma pesquisa qualitativa de revisão bibliográfica, conforme aponta Marconi e Lakatos (1992), ancorado por fim a uma análise crítico conclusiva à luz das dimensões de pesquisa propostas por Novikoff (2010).

3 DESCRIÇÕES, RESULTADOS E INTERPRETAÇÕES POSSÍVEIS

As características biológicas entre homens e mulheres são percebidas, valorizadas e interpretadas segundo as construções de gênero de cada sociedade e se referênciam pelo conjunto de representações construído, através de sua História, para atribuir significados, símbolos e diferenças para cada um dos sexos. De acordo com a literatura consultada, a escola que a sociedade ocidental moderna herdou separa adultos de crianças, ricos de pobres e meninos de meninas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Herdamos, e agora, de muitas maneiras, mantemos uma importante instância de fabricação de meninos e meninas, homens e mulheres. O trabalho de conformação que tem início na família encontra eco e reforço na escola, que ensina maneiras próprias de se movimentar, de se comportar, de se expressar e, até mesmo, maneiras de *preferir*. Assim, quando os conflitos não são resolvidos, as questões relacionadas aos processos de julgamento social transpõem os muros escolares fortalecendo a desigualdade nos relacionamentos inter e intrapessoais. Alienados na sua condição, meninos e meninas/moças e rapazes reproduzirão a construção social e cultural de uma teoria do poder, isto é, as diferenças sociais e culturais entre homens e mulheres apresentam-se como reflexo de relações desiguais de poder no campo da vida pública e privada entre homens e mulheres.

5 REFERÊNCIAS

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Editora Atlas, 1992. 4a ed.

NOVIKOFF, Cristina. Dimensões Novikoff: um constructo para o ensino e aprendizado da pesquisa. In ROCHA, José Geraldo da; NOVIKOFF, Cristina (Orgs.). **Desafios da práxis educacional na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, 2010.